



CONHECER O PASSADO PARA NÃO SE REPETIR NO FUTURO: DESAFIOS E CAMINHOS DO ENSINO DE HISTÓRIA PARA OS ANOS FINAIS

Maria Fernanda Rufino França ¹
Camila Damiana de Barros Silva ²
Geisiane Cipriano dos Santos ³
Rosineide Maria Gonçalves ⁴

RESUMO

Durante nossa atuação no PIBID, desenvolvemos uma experiência formativa junto às turmas do terceiro ano do Ensino Médio, trabalhando temas delicados e fundamentais da História, como o fascismo e o nazismo. O trabalho foi realizado de forma coletiva, prezando pela troca de saberes entre os bolsistas, sempre com auxílio da professora supervisora, tendo como objetivo principal promover uma compreensão crítica desses episódios históricos, mostrando como as marcas deixadas por essas ideologias autoritárias continuam influenciando o mundo contemporâneo. As aulas aconteceram majoritariamente de forma expositiva dialogada, com foco na apresentação clara e contextualizada dos conteúdos e participação dos estudantes. Apesar da metodologia mais tradicional, os alunos mostraram bastante envolvimento, especialmente por meio de perguntas e comentários curiosos durante as aulas. Esse interesse espontâneo revelou o quanto os temas abordados despertaram a atenção da turma, ainda que não houvesse espaço para discussões mais aprofundadas em sala. Ao longo do processo, foram enfrentados desafios relacionados à complexidade dos conteúdos e à necessidade de adaptar a linguagem para torná-los acessíveis sem perder o rigor histórico. A vivência nos mostrou o quanto o ensino de História pode contribuir para a formação cidadã, especialmente quando se trata de temas delicados que exigem sensibilidade e responsabilidade. Refletir sobre o passado com os alunos nos possibilitou pensar, também, sobre nosso papel enquanto futuros professores, reforçando nosso compromisso com uma educação crítica, inclusiva e transformadora.

¹ Graduanda da Licenciatura em História da ASCES-UNITA – PE, 2024139286@app.asc.es.edu.br

² Graduanda da Licenciatura em História da ASCES-UNITA – PE, 2024139265@app.asc.es.edu.br

³ Licenciada em História pelo Centro Universitário Tabosa de Almeida (ASCES-UNITA) - PE, Professora da Rede Estadual de PE, Supervisora PIBID, geisianecipriano.g1@gmail.com

⁴ Licenciada em História e Mestra em Serviço Social pela UFPE, docente do Centro Universitário Tabosa de Almeida (ASCES-UNITA). – PE, rosineidegoncalves@asc.es.edu.br





Palavras-chave: Ensino de História, História do passado, Anos finais, História contemporânea.

INTRODUÇÃO

O presente relato tem como objetivo compartilhar uma experiência vivenciada durante o estágio supervisionado em uma escola pública de rede estadual. A atividade desenvolvida com os alunos de ensino médio teve como foco principal explicar de forma significativa para que os estudantes compreendessem a sensibilidade e os impactos políticos e sociais causados por esses sistemas políticos repressivos. A atividade buscou estimular o pensamento crítico dos envolvidos e também para reforçar a importância da democracia. Registrar tal experiência contribui para inspirar as práticas educativas e ressaltar como é importante refletir criticamente.

É inegável a importância de se estudar e debater, nos dias de hoje, a prática de regimes autoritários, pois trazer à tona os acontecimentos perversos que tais tiranias causaram à sociedade do passado é fundamental para compreender como se inicia uma ditadura e suas consequências, para que assim não venham a se repetir futuramente. Por esse motivo, é crucial que assuntos como esses sejam discutidos em sala de aula. O ensino de História, sobretudo no Ensino Médio, assume um papel essencial na formação crítica dos estudantes. Nesse sentido, a escolha dos conteúdos não pode ser feita de maneira aleatória: deve ser orientada por temas que favoreçam a compreensão da sociedade e do mundo em que os jovens vivem. De acordo com Bittencourt (2004, p. 17), "o ensino de História contribui para a formação do indivíduo enquanto cidadão, possibilitando-lhe compreender a realidade presente a partir da análise do passado". Ou seja, o ensino de História é fundamental nesse contexto, pois estabelece uma forma de compreensão do passado para entender que, na atualidade, muitas de suas questões ainda podem se fazer presentes ou estar em processo de regressão.

Ao tratar de regimes autoritários como fascismo e nazismo, não se aborda apenas o estudo sobre um período histórico específico, mas também a necessidade de desenvolver nos estudantes a capacidade de reconhecer discursos e práticas que podem levar à repetição de violações de direitos humanos. Por isso, é imprescindível entender como se inicia uma ditadura para que seja combatida. Hobsbawm (1995, p. 152) destaca que "os regimes fascistas





e nazistas foram respostas de crise, mas deixaram legados ideológicos que persistem de forma latente nas

sociedades contemporâneas". Diante disso, fica exposta a necessidade de mostrar as marcas deixadas na sociedade, como a violação de direitos humanos, e o motivo por que não devem ser esquecidos.

Mesmo com todas as mortes e perseguições, a propagação de notícias falsas e a defesa de líderes ou regimes autoritários reforçam o papel central da escola como instituição formadora do pensamento crítico. O combate à desinformação ocorre com informação e honestidade intelectual, e este espaço é uma das principais instituições para a formação de jovens com uma consciência crítica, que saibam ler o mundo a partir do conhecimento adquirido do passado, de como um governo autoritário se estrutura e das marcas deixadas. É uma forma de entender que conhecer será crucial para não se repetir. Por isso, deve-se escolher uma metodologia correta, pois são temas delicados para serem abordados.

O tema deste relato de experiência se justifica a partir da importância do debate em sala de aula para que se compreenda os riscos da falta de conhecimento a respeito desses temas, uma vez que, sem o entendimento sobre tais assuntos, a tendência é que se repitam os erros do passado. Por isso, é importante destacar novamente que a escola é uma das ferramentas mais importantes para que os jovens desenvolvam o pensamento crítico e a análise da conexão entre o passado e presente. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo apresentar a experiência pedagógica desenvolvida no âmbito do PIBID em uma escola estadual de Ensino Médio, destacando os desafios e as contribuições do ensino de temas sensíveis para a construção de uma consciência histórica e cidadã crítica, e como os estudantes reagem às abordagens dessas atividades.

METODOLOGIA

Esse relato foi desenvolvido com base na experiência realizada em uma escola estadual, em turmas de terceiro ano do Ensino Médio, no primeiro semestre de 2025 no





contexto do PIBID com o apoio da professora supervisora. A metodologia utilizada foi predominantemente expositiva dialogada, pois a participação dos alunos se fez de extrema importância, seguindo

um planejamento estruturado e previamente acordado entre os bolsistas e a supervisora. Libâneo (1994, p. 89) afirma que "as aulas expositivas, quando bem planejadas, constituem uma estratégia eficiente para transmitir informações, desde que articuladas a objetivos claros e à participação ativa dos alunos". Nesse sentido, optou-se por manter o rigor conceitual e histórico, adaptando a linguagem para garantir maior compreensão, sem abrir mão da profundidade necessária para lidar com os temas abordados, e sempre tratando os temas com a seriedade que esses exigem.

A escolha da metodologia baseou-se também na necessidade de assegurar a clareza e a organização do conteúdo, aspectos fundamentais para que os estudantes compreendessem a complexidade dos regimes fascista e nazista. Como reforça Saviani (2008), "a prática educativa deve articular o acesso ao conhecimento sistematizado à formação de uma consciência crítica, sendo papel do professor mediar esse processo". Por isso, as aulas de forma expositiva e dialogada são necessárias para que os alunos compreendam e, ao mesmo tempo, participem para melhor entendimento. Durante as aulas foi perceptível o envolvimento dos estudantes. Grande parte se mostrou interessados e participaram, tirando dúvidas e comentando durante o desenrolar da aula, ou seja, eles demonstraram muito interesse em conhecer o assunto.

REFERENCIAL TEÓRICO

Circe Bittencourt (2004) destaca que o ensino de História deve contribuir para a formação do indivíduo enquanto cidadão, possibilitando a compreensão do presente a partir da análise do passado, essa perspectiva fundamenta a escolha dos conteúdos que dialogam com a realidade social dos estudantes, promovendo consciência crítica sobre os processos históricos e suas repercussões na atualidade. Enquanto Paulo Freire (1996) enfatiza que a





educação é um ato político, cujo papel é possibilitar a leitura crítica do mundo, a metodologia expositiva dialogada adotada no relato está alinhada com essa visão, pois busca articular a transmissão de conhecimento com a participação ativa dos alunos, estimulando o pensamento crítico e a reflexão sobre os regimes autoritários.

Quando se fala em marcas deixadas em nossa sociedade, é a partir da perspectiva defendida por Eric Hobsbawm (1995) que analisa o fascismo e o nazismo como respostas a crises históricas que deixaram legados ideológicos muito presentes nas sociedades contemporâneas, assim compreender esses legados é fundamental para que os estudantes reconheçam a continuidade da história e os riscos do resgate de discursos autoritários. Ainda falando sobre reemergência, Hannah Arendt (1951), em *Origens do Totalitarismo*, discute os instrumentos que sustentaram regimes autoritários, como a manipulação das massas e a banalização do mal, e esses conceitos são essenciais para que os alunos possam identificar práticas autoritárias e discursos intolerantes no presente, fortalecendo a consciência crítica.

Quanto à mediação do conhecimento, Saviani (2008) ressalta que a prática pedagógica deve articular o acesso ao conhecimento à formação de uma consciência crítica, sendo papel do professor servir de mediador nesse processo. A metodologia expositiva dialogada, quando bem planejada, é uma estratégia eficiente para transmitir informações e garantir a participação ativa dos alunos (Libâneo, 1994). Já no que se refere à criação de uma Consciência Histórica no aluno, Michael Löwy (2000) reforça que compreender os mecanismos das ideologias autoritárias é fundamental para resistir à sua volta, assim, o ensino de História deve ser uma ferramenta de resistência e construção da cidadania crítica, preparando os alunos para reconhecer e combater práticas autoritárias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aplicação da metodologia expositiva dialogada, conforme defendida por Libâneo (1994) e Saviani (2008), mostrou-se eficaz para despertar o interesse dos estudantes do terceiro ano do ensino médio. A participação ativa dos alunos, por meio de perguntas e comentários, indicou que o conteúdo sobre regimes autoritários foi percebido como relevante e interessante para eles. Essa interação favoreceu a construção de uma consciência crítica,





conforme proposto por Bittencourt (2004) e Freire (1996). Os estudantes demonstraram capacidade de relacionar os legados do fascismo e do nazismo com situações contemporâneas, reconhecendo a persistência de discursos autoritários e a importância de sua resistência. Essa compreensão, quando crítica e consciente, é fundamental para evitar a repetição dos erros históricos e para fortalecer a cidadania.

Ainda assim, a abordagem de temas como fascismo, nazismo e regimes autoritários apresenta desafios significativos no contexto do ensino médio, especialmente quando se busca tratar esses assuntos com a profundidade e a seriedade que o tema exige. Um dos principais obstáculos observados foi a limitação do tempo disponível para as aulas, que restringiu a possibilidade de aprofundar debates e fazer reflexões mais amplas, embora a metodologia expositiva dialogada tenha favorecido a participação dos alunos, a predominância dessa abordagem pode ter limitado a exploração crítica dos conteúdos. Além disso, temas tão sensíveis demandam um cuidado especial na mediação docente, para evitar simplificações ou interpretações superficiais que possam banalizar as atrocidades cometidas pelos regimes discutidos. É necessário equilibrar o rigor conceitual com uma linguagem acessível, garantindo que os estudantes compreendam a complexidade histórica sem perder a dimensão ética e política do conteúdo.

Por fim, a complexidade dos regimes autoritários e seus legados ideológicos, exige que o ensino de História ultrapasse a simples transmissão de fatos. Isso implica um desafio pedagógico que demanda formação continuada dos professores, para que estejam preparados a mediar discussões complexas e a fomentar uma consciência histórica crítica, conforme enfatizado por Cerri (2003). Nesse sentido, o PIBID se faz de extrema importância, pois proporciona essas experiências para nós, enquanto professores ainda em formação. A experiência confirmou que o ensino de História é uma ferramenta poderosa para a formação de cidadãos críticos e conscientes, conforme defende Freire (1996).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada evidenciou o valor do ensino de História para a formação cidadã, especialmente quando se trata de temas sensíveis e de grande impacto social. Abordar o fascismo e o nazismo no ensino médio significa não apenas transmitir informações sobre o





passado, mas também contribuir para que os estudantes compreendam a necessidade de preservar a democracia e os direitos humanos. Freire (1996) enfatiza que "ensinar exige compromisso com a transformação do mundo", e essa prática pedagógica reforçou o compromisso de futuros docentes com uma educação crítica, inclusiva e transformadora.

O trabalho revelou uma experiência desafiadora, mas também enriquecedora ao abordar tais assuntos delicados. Não é só um momento de aprendizagem para os estudantes, mas também para os professores e os bolsistas, por isso foi um momento muito enriquecedor para ambas as partes. Este trabalho se faz importante pois está ligado principalmente com o pensamento crítico dos estudantes, uma vez que, fez com que refletissem e que entendessem a relação entre passado e presente diante dos contextos sobre os regimes totalitários, compreendendo também os riscos que esses regimes causaram na sociedade e se conscientizando para que não se repita futuramente.

Apesar de ter sido uma experiência agradável, sempre é possível melhorar, como, por exemplo, ampliar os debates por meio do trabalho em pequenos grupos, usar recursos de áudio visual com filmes e documentários. Esses recursos podem fazer com que os estudantes tenham mais entendimento e o desejo de querer aprender mais. Nesse caso, trata-se de uma maneira para conseguir mais participação dos alunos e que eles reflitam mais criticamente.

Portanto, conclui-se que a análise de experiências históricas autoritárias, quando conduzida de maneira crítica e fundamentada teoricamente, possibilita a construção de saberes que fortalecem a resistência a discursos e práticas que ameaçam a democracia no presente. Diante disso, o trabalho reforça como a educação é importante para conscientizar e transformar os estudantes em cidadãos críticos, promovendo uma sociedade mais democrática e crítica.

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos, principalmente à professora supervisora do estágio e a professora do curso de licenciatura em História da Asces-Unita que tivemos total apoio e





contribuíram para nos ajudar ao desenvolvimento do nosso trabalho. E graças a CAPES e ao PIBID (Programa institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) que nos deu essa oportunidade de ter essa experiência tão enriquecedora para contribuir com a aprendizagem dos estudantes e relatar nossa atividade durante o primeiro semestre de 2025.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.

CERRI, Luis Fernando. Ensino de História e consciência histórica. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

ARENDT, Hannah. As origens do totalitarismo. Anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo. Cia das Letras, São Paulo, 1991.

HOBSBAWM, Eric. Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LÖWY, Michael. A teoria da revolução na obra de Marx. São Paulo: Boitempo, 2000.

SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia. 2. ed. São Paulo: Autores Associados, 2008.

